



VIII SELL

VIII SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

**LINGUAGENS E AFETOS
NA ESFERA DECOLONIAL:
INTERVALOS ENTRE
O EU E O OUTRO**

1

**Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Letras – Português e Inglês
Letras – Português e Espanhol
Mestrado Profissional em Letras –
PROFLETRAS/UFTM**

**VIII Simpósio Internacional de Estudos
Linguísticos e Literários**

***“Linguagens e afetos na esfera decolonial:
Intervalos entre o eu e o outro”***

03 a 06 de maio de 2022

Uberaba/MG, 2022

CADERNO DE RESUMOS DOS GRUPOS DE TRABALHO

GT 01 – O enunciado bakhtiniano na análise de discursos

Coordenadoras: Profa. Dra. Grenissa Bonvino Stafuzza (GEDIS/UFCAT);
Profa. Me. Loraine Vidigal Lisboa Grupo de Estudos Discursivos (IFTM;
PPG/GEDIS/UFCAT)

Ao se partir da constatação de que a obra de Bakhtin e do Círculo russo (especialmente, Volóchinov e Medviédev) subsidiam diversos estudos em diferentes áreas do conhecimento que se interessam pela linguagem, o presente GT propõe debater as contribuições epistemológicas, em especial, sobre o enunciado, para as análises de discursos. Observa-se que a noção nodal da filosofia da linguagem bakhtiniana de diálogo compreende tanto a relação entre enunciados como a relação entre enunciados e sujeitos por meio da linguagem, subsidiada pela cultura e pela sociedade. O conceito de enunciado é de fundamental importância no conjunto da obra de Bakhtin e do Círculo. O campo linguístico, por exemplo, conceitua e analisa os enunciados com um foco que privilegia a língua. Nos escritos de Bakhtin e do Círculo (MEDVIÉDEV, 2012; BAKHTIN, 2016; BAKHTIN, 2017; VOLÓCHINOV, 2017; VOLÓCHINOV, 2019), o conceito de enunciado estabelece um percurso metodológico, a partir da premissa de que é uma unidade analítica que responde a um enunciado anterior e suscita uma resposta subsequente, gerando outro enunciado. Assim, metodologicamente é importante que se estabeleça a correlação entre os elementos da cadeia enunciativa em análise. Entende-se que a construção de todo e qualquer enunciado diz respeito a um acontecimento, a uma situação de linguagem, seja imediata ou pelo contexto mais amplo, pertencente ao conjunto das condições da vida social de uma determinada comunidade linguística. A situação do enunciado vincula-se a um evento social languageiro, ou seja, toda situação enunciativa é, portanto, uma situação social de linguagem. Isso significa dizer que mesmo que o enunciado tenha um aspecto autônomo de acabamento, seus sentidos são orientados na e pela comunicação discursiva, pois operam em um movimento incessante entre a sociedade e a cultura. Logo, a noção de enunciado aqui tratada aponta uma ruptura com a linguística ao considerar a interação discursiva entre sujeitos, de caráter social e singular ao mesmo tempo, para a produção e circulação de discursos. Sob essa perspectiva, este GT acolherá pesquisas que se orientam na e pela concepção de natureza filosófico-linguística de estudo do enunciado pelo viés bakhtiniano, considerando para a análise a compreensão das perspectivas social, ideológica e estética de discursos de distintas esferas (ou campos) da vida como o midiático, o científico, o publicitário, o jornalístico, o literário, o pedagógico, o político, o institucional, etc.

Palavras-chave: Enunciado; sujeito; esferas da vida; análise de discursos.

Referências:

- BAKHTIN, M. M. Para uma filosofia do ato responsável. Trad. Vladimir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2ª ed., São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, M. M. Estética da criação verbal. 6.ed. Trad. Paulo Bezerra a partir do russo. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

LISBOA, L. V; STAFUZZA, G. Identidade e constituição do sujeito “mulher idosa” em webtirinhas da Dona Anésia. *Heterotópica*. V. 2; n. 2, ago.-dez. 2020, p. 141-159. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/56700/30703>

Acesso em: 22 fev. 2022. MEDVIÉDEV, P. N. O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

STAFUZZA, G. B. O Círculo de Bakhtin (Volóchinov e Medviédev) no Brasil: episteme, autoria e tradução em perspectiva dialógica. *Heterotópica*. V. 1; n. 1, jan.-jun, 2019, p. 66-82. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/48519/26335>. Acesso em: 22 fev. 2022.

VOLOCHÍNOV, V. Marxismo e filosofia da linguagem. Trad. Sheila Vieira de Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, V. A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

GT 02 – Ensino-aprendizagem de línguas em perspectivas decoloniais.

Coordenadores: Prof. Dr. Adolfo Tanzi Neto (UFRJ); Prof. Me. Ulysses C. C. Diegues (Faculdade de Tecnologia da Praia Grande; UFRJ)

O objetivo deste grupo de trabalho, fundamentado na Linguística Aplicada Decolonial, é compartilhar e problematizar perspectivas teóricas para o ensino-aprendizagem de línguas, considerando suas possíveis relações com práticas decoloniais. Nessa direção, esperamos receber trabalhos que abordem questões teórico-metodológicas decoloniais.

Palavras-chave: Linguística Aplicada; Decolonialidade; Ensino-aprendizagem.

Referências:

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2019. MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. *Artes e Ensaios*, n. 32, 2016, p. 122-151. Disponível em:

<https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>

MIGNOLO, Walter. D. *The darker side of the Renaissance: literacy, territoriality and colonization*. Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O futuro começa agora: da pandemia à utopia*. São Paulo: Boitempo, 2021.

PENNYCOOK, Alastair; MAKONI, Sinfree. *Innovations and challenges in applied linguistics from the global south*. Routledge, 2020.

TANZI NETO, Adolfo. *Linguística aplicada de resistência: transgressões, discussões e políticas*. Campinas: Pontes, 2021.

WALSH, Catherine. *Gritos, Gretas e Semeaduras de Vida: Entretences do Pedagógico e do Colonial*. In: Souza, Sueli Ribeiro Mota & Santos, Luciano Costa. (ORGs.) *Entre-linhas: educação, fenomenologia e insurgência popular*. Salvador: EDUFBA, 2019.

GT 03 – Pulsões, latências e correntezas de vozes: Literaturas do Norte.

Coordenadores: Prof. Dr. Valdiney Valente Lobato de Castro (Faculdade Estácio do Amapá); Prof. Me. Marcos Paulo Torres Pereira (UNIFAP)

A imagem construída sobre o norte do país esteve por anos atrelada ao exotismo e à rusticidade, em uma cristalina indiferença pelo que era (e é) produzido na região. Essa desafeição manifesta-se também na recepção dos textos literários: nos congressos nacionais e nas publicações acadêmicas poucos diálogos são tecidos sobre a produção literária do setentrião brasileiro. E o problema agrava-se: grande parte dessas discussões além de enfatizar um número limitado de escritores, não possibilita a construção da pluralidade de manifestações culturais presentes no vigoroso espaço amazônico. É diante dessa inquietação, que repousa o propósito principal deste grupo de trabalho: promover o debate em torno da leitura, produção, recepção e circulação da literatura na/da região Norte, o que deve oportunizar a compreensão do texto literário como produto da e para a diversidade cultural, social e fisiográfica, não só do norte, mas de todo o Brasil.

Palavras-chave: literatura; norte; leitura.

Referências:

CASTRO, Fábio Fonseca de. A identidade denegada. Discutindo as representações e autorrepresentação dos caboclos da Amazônia. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, vol. 56, n. 2, 2013.

JOSGRILBERG, Fábio B. O Lugar Praticado. In.: JOSGRILBERG, Fábio B. Cotidiano e invenção: Os espaços de Michel de Certeau. São Paulo: Escrituras Editora, 2005. LOUREIRO, João de Jesus Paes. Cultura Amazônica. In.: LOUREIRO, João de Jesus Paes. Cultura Amazônica: uma poética do imaginário. Manaus, Editora Valer, 2015. LOUREIRO, João de Jesus Paes. Meditação devaneante entre o rio e a floresta. Arteriais – Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes, p. 120-132, out. 2016. ISSN 2446-5356. Disponível em . Acesso em: 08/07/2019.

RISÉRIO, Antonio. Etno, outro: uns. In.: RISÉRIO, Antonio. Encontros: Antonio Risério. BOSCO, Francisco e COHN, Sergio (org.). Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009. RISÉRIO, Antonio. Cidades do ouro, cidades da Amazônia. In.: RISÉRIO, Antonio. A Cidade no Brasil. São Paulo: Editora 34, 2013.

RODRIGUES, Carmem Izabel. Caboclos na Amazonia. A identidade na diferença. Novos Cadernos NAEA, vol. 9. N.1, 2006.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Imagens da Natureza e da Sociedade. In.: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A Inconstância da Alma Selvagem e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

GT 04 – Abordagens decoloniais nas literaturas das Américas e da África.

Coordenadores: Prof. Dr. Carlos Magno Gomes (UFS); Profa. Dra. Thays Albuquerque (UEPB); Prof. Dr. Tiago Silva (IFS)

Para os estudos decoloniais, a revisão crítica do passado não pode deixar de lado o per-verso sistema de violências e torturas impostas pela necropolítica do colonialismo europeu como apontado por A. Mbembe (2018). Para pensadores/as latino-americanos/as, como A. Quijano (2005), G. Anzaldúa (2019), M. Lugones (2014) e W. Mignolo (2007), os estudos da decolonialidade

proporcionam uma crítica aos significados hegemônicos impostos pelo processo de colonização sobretudo em torno dos discursos do silenciamento da violência e terror sofridos pelos colonizados pelo sistema capitalista patriarcal. Um dos paradigmas da decolonialidade, proposto por Quijano, questiona a postura colonizadora de colocar os povos dominados como inferiores e subalternos (2005). Dessa forma, uma estratégia interpretativa que parte dos estudos decoloniais propõe revisar as estruturas fixas das relações identitárias para contestar a dicotomia entre branco superior e colonizado inferior. Essa lógica normatizada pelo poder colonial e fundamentada pela retórica da modernidade é questionada por abordagens epistêmicas, teóricas e políticas capazes de repercutir as vozes e as perspectivas dos sujeitos colonizados pela violência estrutural. Assim, uma abordagem decolonial contesta as verdades impostas pela colonização do discurso de superioridade eurocêntrica e explicita a “lógica opressiva da modernidade colonial” como indica María Lugones ao reconhecer que precisamos ir além e desmistificar a colonialidade de gênero, que considera as mulheres duplamente inferiores aos homens colonizados. Entre esses sujeitos, estão mulheres amefricanas e indígenas, por exemplo, que questionam as opressões biológicas, como destaca Lélia Gonzalez (2019) sobre o proletariado afro-latino-americano. Para essas pensadoras, Gonzalez e Lugones, a estratégia decolonial vai além dos filtros ideológicos para privilegiar a performance feminista transgressora. Por essa perspectiva, decolonizar é revisar a herança pós-colonial a partir do lugar de resistência das diferentes identidades menosprezadas pela colonialidade do poder. Diante desses pressupostos decoloniais, este Grupo de Trabalho recebe propostas de comunicações que analisam textos literários produzidos por escritoras e escritores que revisam o processo de colonização do Brasil, da América Latina, da América do Norte, ou da África por meio do reconhecimento da necropolítica do discurso colonizado para valorizar o lugar de fala das mulheres, dos/das afrodescendentes, dos/as nativos/as, dos grupos LGBTQIA+, ou de outras identidades que questionam a normatização da violência estrutural que atravessa o discurso da colonialidade.

Palavras-chave: Necropolítica; Feminismos afros-latinos-americanos; Decolonialidade de gênero.

Referências:

- PAKOTIRENE, C. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.
- ANZALDÚA, G. La conciencia de la mestiza: Rumo a uma nova consciência. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org). Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, p.323-338.
- BUTLER, J. Regulações de gênero. Cadernos Pagu, v.4 2, Campinas: Unicamp, 2014, p. 249-274. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645122>. Acesso em: 27 mai. 2021.
- GONZALEZ, L. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 38-51.
- HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. Revista Estudos Feministas. Florianópolis- SC, v. 22, n. 3, set-dez, 2014, p. 935-952. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>. Acesso em: 20 mai. 2021.
- MBEMBE, A. Necropolítica. São Paulo, n-1 edições, 2018. MIGNOLO, Walter. El pensamiento decolonial: desprendimiento e apertura. Um manifesto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. (org.). El giro decolonial:

reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Instituto Pensar, 2007. p. 25-46.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do sa-ber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p.117-142.

RIBEIRO, D. O que é lugar de fala? Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017. SPIVAK, G. Pode um subalterno falar? Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

GT 05 – Representações do espaço-tempo na literatura.

Coordenadores: Prof. Dr. Oziris Borges Filho (UFTM); André Pinheiro

6

Em termos filosóficos e científicos é visível a importância dada às reflexões sobre o tempo. Basta lembramos as obras fundamentais Durée et simultanité: à propos de la théorie d'Einstein de Henri Bergson, publicado em 1922 e a obra capital de Martin Heidegger, O ser e o tempo, publicado em livro em 1927 e lembrarmos ainda Georges Poulet e o famoso livro Études sur le temps humain, de 1949, além de todo o movimento existencialista, cujo pilar é também o tempo. Desde o fim do século XIX, pesquisadores vinham refletindo sobre a categoria “tempo” em seus múltiplos aspectos, não apenas na ciência, mas também nas artes e na religião. No campo da Teoria da Literatura, no século XX, são significativos os trabalhos de Meyerhoff, Mendilow, Pouillon, Ricoeur e Genette para citar apenas alguns. Do ponto de vista teórico-investigativo, percebe-se que aquele século fez uma opção preponderante pelo tempo. No entanto, a partir de investigações contemporâneas, sabemos que século XX também produziu obras significativas sobre a categoria do espaço. Para Jameson (2002), o ressurgimento do interesse pelo espaço deve-se a Henri Lefebvre com seu livro La production de l'espace, de 1974. Acrescentariamos ainda a importante obra de George Matoré L'espace humain, publicada em 1962. Já nos anos setenta, Edward Soja anuncia a virada espacial(The spatial turn) nas ciências sociais, privilegiando o espaço ao tempo. Na Teoria da Literatura, a primeira metade do século XX também se ateu ao estudo da espacialidade: Percy Lubbock(1921); Edwin Muir(1928); Auerbach(1946); Curtius(1948) todos eles falaram sobre a importância do espaço na obra literária mesmo que esse não tenha sido o tema principal de suas obras. Já na segunda metade do século XX surgem obras específicas para o estudo do espaço. Acreditamos que o século XXI é aquele que deve ir além da virada spacial. Nem espaço, nem tempo sozinho. Estamos no tempo do espaço-tempo, ou, como propôs Bakhtin, cronotopo. Desde os gregos sabemos que a vida não é possível sem essas duas categorias básicas da existência. Não se pode ser sem estar. Ser é ser em algum lugar. Nesse sentido, o presente GT pretende refletir de que maneira as representações espaço-temporais na literatura refletem sobre o nosso modo de ser e de estar seja na solidão de nós mesmos, seja no contato com outro. Afetos plurissignificativos que nos formam e enformam. Enfim, serão bem-vindos trabalhos que problematizam o espaço-tempo na literatura a partir de múltiplas visões teóricas e pragmáticas.

Palavras-chave: Cronotopo; Cronotopanálise; Espaço; Tempo

Referências:

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia In BRAIT, Beth (org.). Bakhtin – outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. Questões de literatura e estética. São Paulo: Unesp, 1998.
- BORGES FILHO, Oziris. Bakhtin e o cronotopo: uma análise crítica. Revista Intertexto, vol.04, nº02, 2011.
- CAMPOS, Maria Inês Batista. Questões de literatura e de estética: rotas bakhtinianas In BRAIT, Beth (org.). Bakhtin – dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2009.
- HOLQUIST, Michael & CLARK, Katerina. Mikhail Bakhtin. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- LINS, Osman. Lima Barreto e o espaço romanesco. São Paulo: Ática, 1976.
- MACHADO, Irene. A voz e o romance. São Paulo: Imago, 1995.
- MITTERAND, Henri. Chronotopies romanesques: Germinal. In Poétique - revue de théorie et d'analyse littéraires, nº 81, 1990.

GT 06 – Representações do corpo na literatura de autoria feminina contemporânea no Brasil.

Coordenadoras: Maria do Rosário Alves Pereira (CEFET-MG/UFV); Aline Alves Arruda (IFMG – Campus Betim)

Pode-se afirmar que a temática do corpo é central em estudos e manifestações feministas da atualidade, e a literatura acompanha tais discussões. Há um crescente número de romances e contos que exploram esse aspecto, por meio de uma linguagem por vezes fragmentada, por vezes convencional. O objetivo deste simpósio é acolher trabalhos que apresentem diversas representações do corpo na literatura contemporânea produzida por mulheres no Brasil. Serão bem-vindos trabalhos que tratem de: violência, simbólica ou física; maternidade; interseccionalidade; velhice; padrões de beleza, dentre outras possibilidades, e que propiciem uma leitura crítica sobre o modo como as escritoras, sobretudo nas duas últimas décadas, têm se debruçado sobre essas questões.

Palavras-chave: Literatura brasileira; autoria feminina; representações do corpo.

Referências:

- AKOTIRENE, Carla. O que é Interseccionalidade? Col. Feminismos plurais. Belo Horizonte: editora Letramento, 2018.
- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Cartografias contemporâneas: espaço, corpo, escrita. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.
- BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul.-dez. 2005.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Representações restritas: a mulher no romance brasileiro. In: DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (Org.). Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea. Vinhedo: Horizonte, 2010.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas: alterações e continuidades. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 56, n. 1, p. 109-143, jan.-abr. 2021.

- DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. Estudos Avançados, São Paulo, 17 (49), p.150-172, 2003.
- DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. Vol. 2, Consolidação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- FIGUEIREDO, Euridice. Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras. Porto Alegre: Zouk, 2020.
- HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.) Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MUZART, Z. L. A questão do cânone. Anuário de Literatura, Florianópolis, n.3, p. 85-94, 1995.
- XAVIER, Elódia. Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

GT 07 – A cultura da violência contra mulheres entre linguagem, experiência e ficção

Coordenadoras: Profa. Dra. Tarsilla Couto de Brito (UFG); Profa. Dra. Tania Ferreira Rezende (UFG)

Este GT convoca trabalhos que proponham uma revisão dos termos utilizados nos estudos de linguagem para tratar de narrativas ficcionais ou não ficcionais que ajudaram a naturalizar a cultura da violência, em especial contra as mulheres. Parte-se do pressuposto, explicitado por Oyèrónkẹ Oyěwùmí de que "quem está em posição de poder acha imperativo estabelecer sua biologia como superior, como uma maneira de afirmar seu privilégio e domínio sobre os "Outros". Quem é diferente é visto como geneticamente inferior e isso, por sua vez, é usado para explicar sua posição social desfavorecida" (A invenção das mulheres, 2021, p. 27). Com o título "A cultura da violência contra mulheres entre linguagem, experiência e ficção", o grupo de trabalho insere-se no âmbito dos Estudos da Linguagem interseccionado com os Estudos de Gênero e com Crítica feminista (incluindo-se aí a crítica ao feminismo) demandando das pesquisadoras e pesquisadores interessados uma investigação que procure fazer uma revisão de princípios teóricos e epistemológicos em perspectiva interdisciplinar sobre as teorias contemporâneas advindas dos campos dos Estudos Literários, Linguísticos, das Ciências Humanas e das Artes, com foco nos modos de produção política e social das identidades, sobretudo, o que diz respeito às questões de gênero e sexualidade que possam contribuir para consolidar os estudos teórico-críticos acerca da relação entre linguagem e violência contra mulheres.

Palavras-chave: Violência contra mulheres; narrativas; linguagem; experiência.

Referências:

- 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2020.
- ANZALDÚA, Glória. "Queer(izar) a escritora – Loca, escritora y chicana". Trad. Eliana de Soza Ávila. In: BRANDÃO, Izabel et al. (Org.) Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010). Várias traduções. Florianópolis: Edufal; Editora UFSC, 2017.
- ARAÚJO, Nara. Repensando, a partir do feminismo, os estudos literários latino-americanos. Trad. Zahidé Muzart. In: BRANDÃO, Izabel et al. (Org.) Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010). Várias traduções. Florianópolis: Edufal; Editora UFSC, 2017.
- ARFUCH, Leonor et al. Identidades, sujetos, subjetividades. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2005.

BACH, Ana Maria. Las vocés de la experiencia: el viraje de la filosofía feminista. Buenos Aires: Biblos, 2010.

BEI, Aline. O peso do pássaro morto de Aline Bei. São Paulo: Editora Nós, 2017.

BRANDÃO, Izabel et al. (Org.) Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010). Várias traduções. Florianópolis: Edufal; Editora UFSC, 2017.

COLLING, Aana Maria & TEDESCHI, Losandro Antonio. (Org.) Dicionário Crítico de gênero. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina. “Vozes femininas na novíssima narrativa brasileira” in: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 11. Brasília, jan/fev de 2001, pp. 19-26.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Kafka: para uma literatura menor. Trad. Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

ECO, Umberto. Sobre a literatura: ensaios. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

FIGUEIREDO, Euridice. “Violência e sexualidade em romances de autoria feminina.” In: Interdisciplinar. Revista de Estudos em Língua e Literatura. v. 32: Ano XIV - jul-dez de 2019.

FRANCO, Jean. Marcar diferenças, cruzar fronteiras. Trad. Alai Garcia Diniz. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2005.

GARRAMUÑO, Florencia. A experiência opaca: literatura e desencanto. Tradução: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2012.

GOMES, Carlos Magno. Ensino de literatura e cultura do resgate à violência doméstica. São Paulo: Paco Editorial, 2015. Formato Kindle.

GONZALEZ, Lélia. “Por um feminismo afro-latino-americano” in: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.) Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.) Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.) Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

hooks, bell. Teoria feminista, da margem ao centro. Trad. Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

JESUS, Maria Carolina. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

KOLODNY, Annette. “Dançando no campo minado: algumas observações sobre a teoria, a prática e a política de uma crítica literária feminista”. Trad. Cintia Schwantes. In: BRANDÃO, Izabel et al. (Org.) Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010). Várias traduções. Florianópolis: Edufal; Editora UFSC, 2017.

KUMU, Umusin P. & KENHÍRI, Tolamã. Antes o mundo não existia: a mitologia heroica dos índios Desãna. São Paulo: Livraria Cultura Editora, 1980.

LEVY, Déborah. Coisas que não quero saber. Trad. Celina Portocarrero e Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

LUDMER, Josefina. Intervenções críticas. Trad. Ariadne Costa e Renato Rezende. Rio de Janeiro: Azougue, 2014.

MAGALHÃES, Isabel Allegro. “Ao contrário de Diótima: a diferença sexual na escrita” in: Ipotesi, v. 10, n.1, n.2. Juiz de Fora, jan/jun, jul/dez de 2006, pp. 11-20.

MELO, Patricia. Mulheres Empilhadas. São Paulo: Editora Leya, 2019.

MIGNOLO, Walter et al. Género y decolonialidad. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014.

MONTEIRO, Rosa. A louca da casa. Trad. Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2016.

- NAVARRO, Maria Hoppe. “A invenção da América e a questão de gênero” in: SCHMIDT, Rita Terezinha (Org). Sob o signo do presente: intervenções comparatistas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.
- RICH, Adrienne. “Quando da morte acordamos”. Trad. Susafna Bornéo Funck. In: BRANDÃO, Izabel et al. (Org.) Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010). Várias traduções. Florianópolis: Edufal; Editora UFSC, 2017.
- RICHARD, Nelly. Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política. Trad. Romulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.
- SALGADO, Maria Teresa et al. Escritas do corpo feminino: perspectivas, debates, testemunhos. Oficina Raquel, 2018. Formato Kindle.
- SCHMIDT, Rita Terezinha (Org). Sob o signo do presente: intervenções comparatistas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.
- SEGATO, Rita. La guerra contra las mujeres. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.
- SPIVAK, Gayatri C. Literatura. Trad. Sandra Regina Goulart de Almeida. In: BRANDÃO, Izabel et al. (Org.) Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010). Várias traduções. Florianópolis: Edufal; Editora UFSC, 2017.
- TORNERO, Angélica. “Feminicidio, literatura testimonial y yo autoral en “chicas muertas””. Revista de Literatura Argentina. Ano 1, n. 2, 2019.
- WOOLF, Virginia. Um teto todo seu. Trad. Bia Nunes de Sousa. São Paulo: Tordesilhas, 2014.
- XAVIER, Elódia. Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino. Santa Catarina, 2007.

GT 08 – A potência dos afetos nos estudos de ecocrítica: alteridades absolutas.

Coordenadores: Profa. Dra. Angela Guida (UFMS); Gleidson André Pereira de Melo (PPG – Doutorando UFMS)

Buscamos, com este grupo de trabalho, potencializar um espaço para discussões em torno dos afetos mobilizados nos estudos de ecocrítica, partindo da noção de alteridade absoluta desenvolvida por Jacques Derrida em *O animal que logo sou*, em que o filósofo narra sua experiência desconcertante quando se percebe nu olhado por um gato. “Ele tem seu ponto de vista sobre mim. O ponto de vista do outro absoluto, e nada me terá feito pensar tanto sobre essa alteridade absoluta do vizinho ou do próximo quanto os momentos em que eu me vejo visto nu sob o olhar de um gato” (DERRIDA, 2002, p. 28). Pensamos a alteridade absoluta também como um movimento de descolonialidade, em especial, de descolonialidade da natureza, uma vez que, no decorrer do tempo, a natureza vem passando por um avançado processo de colonialidade, em que para ela só se olha com olhares captados pelo extrativismo sem medidas, levando ao aniquilamento de outras formas de vida. Como acentua Walsh, “a separação cartesiana de cultura/natureza descarta completamente a relação milenar entre seres humanos e não-humanos, mundos espirituais e ancestrais, negando inclusive a premissa de que os seres humanos fazem parte da natureza, estabelecendo domínio sobre a racionalidade cultural e tentando eliminar e controlar os modos de vida, os sentidos, os significados e os entendimentos da vida” (2008, p. 16-17). Mia Couto, em muitas entrevistas, tem sido questionado acerca da covid-19 e, diante dos questionamentos, o escritor moçambicano observa que nossa visão antropocêntrica do mundo, uma visão

que acredita ser o humano o mais importante entre os seres que habitam o Planeta, e não apenas como mais um entre os tantos seres que por aqui estão, é, em certa medida, responsável pela forma despreparada com a qual lidamos com o Sars-cov-2. Fizemos pouco caso do vírus e ele jogou em nossa cara de humanos a nossa fragilidade. “Nós sempre nos colocamos como o grande motor e não somos. E foi um pequeno vírus quem fez esse alerta. O grande motor da vida não são vocês. Somos apenas mais um nessa orquestra” (COUTO, 2020a, s./p.). Ou, pelo menos, não somos os mais importantes na roda da vida, como acredita a visada antropocêntrica. “Essa casa [o planeta Terra] foi apropriada como sendo a casa da espécie humana que recebe os “outros” (COUTO, 2020b, s./p.). Desse modo, já adiantamos que serão preferencialmente acolhidos trabalhos que dialoguem com uma visão descolonial da natureza dentro da literatura e, por conseguinte, privilegiem formas outras de vida, como, por exemplo, plantas e animais em textos literários.

Palavras-chave: Ecocrítica; Alteridade; Descolonialidade da natureza.

Referências:

- COUTO, Mia. Nós humanos não somos tão importantes assim, 2020a. Disponível em: <https://exame.com/casual/mia-couto-nos-humanos-nao-somos-tao-importantes-assim/>. Acesso em 01 mar 2022.
- COUTO, Mia. Quando O ambiente não tem nome, 2020b. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/ambiente-e-sociedade/quando-o-ambiente-nao-tem-nome1por-mia-couto>. Acesso em 01 mar 2022.
- DERRIDA, Jacques. O animal que logo sou. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- ESPINOSA, Baruch. Ética. São Paulo: EdUSP, 2015.
- GARRARD, Greg. Ecocrítica. Brasília: Editora Universitária, UnB, 2006.
- GLOTFELTY, Cheryll. Introduction: literary studies in an age of environmental crisis. In: _____; FROMM, Harold. The Ecocriticism reader: landmarks in literary ecology. London: University of Georgia Press, 1996. p. xv-xxxvii.
- GUIDA, Angela e MELO, Gleidson André Pereira de. Decolonialidade da natureza: para um olhar nítido como um girassol. In. Revista Itinerários, Araraquara, n. 51, p. 65-80, jul./dez. 2020.
- KRENAK, Ailton. O amanhã não está à venda. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2020a. _____. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2020b.
- NASCIMENTO, Evando. O pensamento vegetal: a literatura e as plantas. 1. ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- NUNES, Benedito. O animal e o primitivo: os outros de nossa cultura. In.: MACIEL, Maria Esther (Org). Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica. Florianópolis: Editora UFSC, 2011, p.13- 22.
- SCARPELLI, Marli Fantini. Meio ambiente e literatura. Aletria, Belo Horizonte, n. 15, p. 188-204, 2007. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1396/1494>. Acesso em 19 fev. 2022.
- WALSH, Catherine. Interculturalidad, plurinacionalidad y decolonialidad: las insurgencias políticoepistémicas de refundar el estado. Tábula rasa, Bogotá, n. 9, p. 131-152, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/tara/n9/n9a09.pdf>. Acesso em 12 fev. 2022.

GT 09 – Leitura literária, democracia e ensino.

Coordenadoras: Dra. Moema de Souza Esmeraldo (UFRR); Ma. Islara Floriana Mendes (UEG)

Este Grupo de trabalho tem como objetivo debater o caráter educativo e formador do ensino de literatura no ambiente escolar, bem como discutir a importância da democratização da leitura literária no Brasil, uma vez que a experiência estética se torna um direito alienável, como assegura Candido (2004, 1972). Destacamos a relevância de problematizar práticas pedagógicas que envolvem a articulação entre a perspectiva de letramento literário como prática social de exercício de leitura e escrita, tendo como referência Rildo Cosson (2006). Nesse cenário, acrescentamos os debates sobre as teorias pedagógicas de resistência e as teorias decoloniais. A primeira teoria admite a autonomia da educação como uma saída para uma educação crítica, de modo a compreender, que as forças conservadoras existentes na escola são combatidas pelo desempenho ativo de professores e alunos. Giroux (1999) admite que as escolas são como espaços de luta e os sujeitos envolvidos no processo educacional são os responsáveis de usar o conhecimento crítico para a tomada de consciência das condições de dominação. A segunda teoria, em suma, trata de ouvir os silenciados historicamente, de enxergar os subalternizados, de incluir os excluídos e pensar a sociedade e a educação por, com e para todos. Para Mignolo (2007), os pressupostos da decolonialidade investigam o sistema eurocêntrico e excludente com o qual busca-se romper. O próprio conceito de letramento e o de letramento literário trazem em si a ideia de contato com as diferentes situações comunicativas e de apropriar-se do texto, ou seja, torná-lo, de algum modo, mais próximo, algo de seu, respectivamente. Trata-se, portanto, de ampliar espaços para: dialogar, conhecer (-se) e, principalmente, conviver com o diverso. Nesse sentido, pensamos que a literatura como instrumento de emancipação do sujeito por possibilitar a ressignificação de discursos padronizados impostos pela sociedade. Para tanto, é necessário propor práticas pedagógicas de letramento literário a partir de autores que pertencem aos grupos (minorias) sociais invisibilizados historicamente (HOOKS, 2017).

Palavras-chave: Decolonialismo. Educação. Letramento literário. Resistência.

Referências:

- ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos do Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.
- BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n.10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília: Ministério de Educação e Cultura; Congresso Nacional, 2008.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. A reprodução. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. Ciência e cultura, São Paulo, v. 24, n. 9, 1972. _____. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 71a. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

- GIROUX, Henry A. Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- KLEIMAN, Angela B. Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever? Campinas: CEFIEL/Unicamp, 2005.
- MIGNOLO, Walter. El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar, 2007.
- RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. Trad. Mônica Costa Netto. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Reinventar a Democracia. 2. ed. Lisboa: Gradiva, 2002.
- SOARES, Magda. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Teodoro da. (Org.). Leitura: perspectivas interdisciplinares. São Paulo: Ática, 1988. _____. Leitura e democracia cultural. In: PAIVA, A. et al. (Org.). Democratizando a leitura: pesquisas e práticas. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008. p. 17-32.
- ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. Via Atlântica, n. 14, dez. 2008. Disponível em: . Acesso em: 6 jun. 2021.
- QUEIROZ, Leandro. Decolonialidade e concepções de língua – uma crítica linguística e educacional, São Paulo: Pontes, 2020.

GT 10 – Estudos em Linguística de Texto.

Coordenadores: Prof. Dr. Dennis Castanheira (UFF); Profa. Dra. Cristiane Barbalho (Colégio Pedro II)

Ao longo dos últimos anos, a Linguística de Texto tem se consolidado como uma das teorias mais relevantes para os estudos linguísticos com inúmeros trabalhos em uma perspectiva sociocognitiva e interacional, em que o texto é tido como um complexo processo discursivo (cf. BEAUGRANDE, 1997; VAN DIJK, 2006; CAVALCANTE; SANTOS, 2012; KOCH; ELIAS, 2016, dentre outros). Diante disso, este Grupo de Trabalho tem como objetivo reunir pesquisas recentes desenvolvidas no âmbito da Linguística de Texto por meio de uma abordagem sociocognitivista. Serão aceitos trabalhos sobre os diferentes fenômenos textuais (referenciação, articulação textual, intertextualidade, coesão e coerência, tipologias textuais, etc.), bem como investigações sobre o ensino de línguas e em interface com outras teorias (Análise do Discurso, Funcionalismo, etc.).

Palavras-chave: Linguística de Texto; Ensino; Interfaces.

Referências:

- BEAUGRANDE, R. New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication and freedom of access to knowledge and society. New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1997.
- CAVALCANTE, M. M.; SANTOS, L. W. Referenciação e marcas de conhecimento compartilhado. Linguagem em (Dis)curso (Impresso), v. 12, p. 657-681, 2012.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. O texto na linguística textual. IN: BATISTA, R. O. (org.) O texto e seus conceitos. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 31-44.
- VAN DIJK. T. Discourse, context and cognition. Discourse Studies, v. 8, n. 1, 159-177, 2006.

GT 11 – O léxico e seus entrelaços sociais e culturais.

Coordenadores: Profa. Dra. Vanessa Regina Duarte Xavier (UFCAT); Me. Pauler Castorino (PPG-USP)

A intrínseca relação entre léxico, sociedade e cultura há tempos é debatida por estudiosos do campo das Ciências do Léxico e até mesmo da Sociologia, resultando em uma perspectiva também conhecida como lexicocultural. Matoré (1953), por exemplo, afirma que as unidades lexicais têm caráter social e, a nosso ver, igualmente cultural, pois elas são reflexo do ambiente por elas matizado, uma vez que o designam, em uma compreensão ampla do termo, em que o ambiente não compreende apenas o espaço geográfico, mas também o social e identitário, englobando os sentimentos, opiniões, afetos etc. dos mais diversos sujeitos. Por esta razão, propõe-se este Grupo de Trabalho (GT), o qual tem como foco abarcar os mais diversos estudos sobre léxico e que, particularmente, abordem as suas correlações com os estratos sociais e culturais. Deste modo, serão aceitas investigações nos domínios da: i) Lexicologia, que estuda o conjunto de lexias de uma língua em diferentes vertentes, a exemplo da Estilística, Neologia, Toponímia e outras; ii) Lexicografia, que tematiza a respeito dos dicionários de forma teórica e metodológica; iii) Terminologia, que focaliza os termos técnico-científicos dos domínios de especialidades; e iv) Terminografia, que compila itens terminológicos para a criação de dicionários, vocabulários e glossários especializados. Também haverá lugar para estudos que se insiram em mais de um destes âmbitos, de forma multidisciplinar. Por fim, espera-se que o presente GT receba propostas que cooperem epistemologicamente e metodologicamente com as Ciências do Léxico, com o propósito de solidificar esta profícua área de investigação.

Palavras-chave: Léxico. Sociedade. Cultura.

Referências:

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Teoria linguística: (teoria lexical e computacional). 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
CABRÉ, Maria Teresa. Terminology: theory, methods, and applications. Translated by Janet Ann DeCesaris. Amsterdam: John Benjamins, 1999.
MATORÉ, Georges. La méthode en lexicologie. Domaine français. Paris: Didier, 1953. VILELA, Mário. Estudos de lexicologia do português. Coimbra: Almedina, 1994. WELKER, Herbet Andreas. Dicionários: uma pequena introdução à Lexicografia. 2 ed. Brasília: Thesaurus, 2004.

GT 12 – Autoria feminina e crítica feminista

Coordenadores: Profa. Dra. Maria Eliane Souza da Silva (UERN); Cássio Eduardo Rodrigues Serafim (PPG – Universidade de Coimbra).

Este simpósio pretende promover o diálogo sobre a produção literária escrita por mulheres e a crítica feminista, promovendo o debate de textos que exploram como objeto de investigação a representação feminina em suas múltiplas dimensões identitárias. Em relação ao escopo teórico-analítico das propostas de comunicação oral a serem submetidas a este simpósio, registra-se a disponibilidade dos organizadores para receber propostas vinculadas a diferentes correntes epistemológicas, exigindo-se somente que as apresentações tratem de textos literários e críticos escritos por mulheres.

Palavras-chave: Autoria feminina; crítica feminista; representação feminina.

Referências:

- DUARTE, Constância. O feminino fragmentado. In: *Ipotesi, Juiz de Fora*, v. 13, n. 2, p. 31 – 37, jul./dez. 2009.
- DUARTE, Constância Lima. A imprensa feminina e feminista no Brasil: Século XIX. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. _____. Feminismo: uma história a ser contada. In: *Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto*.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.) Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira.” In: SILVA, Luiz Antônio Machado et alii. *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. Brasília, ANPOCS, 1983. 303p. p.223-44. (Ciências Sociais Hoje, 2.)
- HOOKS, bell. *Teoria Feminista - Da Margem ao Centro* (2020). Lisboa: Orfeu Negro.
- _____. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* (2019). São Paulo: Editora Elefante
- _____. *Não serei eu mulher? - As mulheres negras e o feminismo* (2018). Lisboa: Orfeu Negro.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2009.
- LUGONES, María. Colonialidad y Género. *Tabula Rasa*. Bogotá – Colombia, n.9, 73-101, julio-diciembre 2008.
- _____. *Heterossexualism and The Colonial/Modern Gender System*. *Hypatia*, v. 22, n. 1, p.186- 209. 2007.
- _____. *Rumo a um feminismo descolonial*. Tradução de Juan Ricardo Aparicio e Mario Blaser. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3. setembro-dezembro/2014.
- RIBEIRO, Djamilia. O que é lugar de fala? Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017. _____. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. Trad. Deise Amaral. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- WOOLF, Virginia. *Profissão para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre, RS; L&PM, 2016 _____. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- ZOLIN, Lúcia Osana. A literatura de autoria feminina no contexto da pós-modernidade. In: *Ipotesi, Juiz de Fora*, v. 13, n. 2, p. 105-116, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2009/10/a-literatura-de-autoria-feminina.pdf>

GT 13 – Estudos medievalistas e literatura.

Coordenadoras: Profa. Dra. Guacira Marcondes Machado Leite(Unesp/Fclar);
Profa. Dra. Karla Cristiane Pintar (Colégio Biorossi).

As grandes composições da Idade Média revelam textos e autores que, sejam eles mais ou menos famosos, definem a arte desse período. Assim, os estudos baseados na interpretação do que e como é narrado do século V ao XV são fonte para compreender não só a cultura do Medieval, mas também o desenrolar da escrita e da narrativa, com base no comportamento literário e humano, ao qual estão vinculadas questões de escrita, gênero, interpretação e divisões sociais. Além disso, a literatura medieval convida o leitor a criar imagens acerca daquilo que é lido com a compreensão do seu período, mas, ao mesmo tempo, revela

vozes que hoje podem ser analisadas como autoria. Desse modo, pretende-se estudar a narrativa da literatura medieval, a qual envolve gênero, poeticidade, história, cultura e sociedade tanto em seus aspectos estruturais quanto semânticos.

Palavras-chave: Idade Média; literatura; narrativa; poeticidade.

Referências:

- BLANCHARD, I. L'entrée du poète dans le champ politique au Xve siècle. In: *Annales. Economies, Sociétés, Civilisations*. N. 1, 1986, p. 43-61.
- BOSI, A. O ser e o tempo da poesia. São Paulo: Cultrix. Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977.
- CHKLOVSKI, V. A arte como procedimento. in: *Teoria da literatura: os formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1976. p. 39-56.
- ECO, U. *Arte e Beleza na Estética Medieval*. Tradução de Mario Sabino. Rio de Janeiro: Record, 2010. 351p.
- ECO, U. O signo da poesia e o signo da prosa. In: *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p. 232-249.
- GENETTE, G. *Discurso da narrativa*. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega. 1976.
- TADIÉ, J. Y. *Le récit poétique*. Collection Tel Gallimard: 1994. Paris.
- ZUMTHOR, P. *Essai de poétique médiévale*. Paris, Seuil: Essais, 2000. 619p.

GT 14 – Propostas didáticas e relatos de experiências: a sociolinguística no ambiente escolar.

Coordenadoras: Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa (UFTM); Profa. Dra. Talita de Cássia Marine (UFU).

A Teoria Variacionista Laboviana (TVL) não só alavancou importantes estudos de descrição do funcionamento do português no Brasil, como também ganhou espaço no ensino de língua, promovendo relevantes contribuições nos currículos de formação escolar, os quais passaram a incluir conteúdos sobre o preconceito linguístico e a conscientização acerca das variedades linguísticas brasileiras, fomentando diversas questões a serem abordadas nas aulas de língua portuguesa. Entretanto, embora nossos documentos norteadores federais (como a recente BNCC, 2018) orientem para um ensino de língua que abre espaço para o tratamento da variação linguística no contexto escolar, ainda são escassas as aplicabilidades dessa teoria e da concepção de língua variável na preparação da aula/material por parte do professor de língua portuguesa na Educação Básica. Isso ocorre, principalmente, pelo fato de muitos desses professores não receberem informação e/ou formação que lhes ofereça subsídios teóricos para oportunizar a apropriação da Teoria Variacionista em interface com o ensino de língua portuguesa, de modo a colocá-la em prática na sua atividade profissional, em sala de aula. Diante disso, embora a TVL conceba a língua como heterogênea e multifacetada, em sala de aula, as prescrições da gramática normativa e a visão de língua homogênea ainda continuam ocupando os seus lugares. Assim, neste GT, buscando promover discussões sobre essa temática, visamos reunir trabalhos que abordem os seguintes eixos: (i) investigação das crenças, avaliações e atitudes em relação à língua portuguesa e ao seu ensino no contexto escolar; (ii) elaboração de propostas de intervenção em sala de aula e/ou produção de material didático à luz da Sociolinguística Educacional e/ou do Letramento Científico; (iii) relatos de experiências exitosas de projetos e programas (como Profletras, PIBID, Residência Pedagógica, entre

outros) que evidenciem que é possível e produtivo o ensino de língua em uma perspectiva variacionista.

Palavras-chave: Ensino de língua; Teoria Variacionista; propostas didáticas

Referências:

BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna: Sociolinguística na sala de aula. São Paulo:

Parábola, 2004.

MARINE, T. C; BARBOSA, J. B. Em busca de um Ensino Sociolinguístico de Língua Portuguesa no Brasil.

SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 19/1, p. 185-215.

ZILLES, A. M. S; FARACO, C. A. Pedagogia da variação linguística. Língua, diversidade e ensino. São

Paulo: Parábola Editorial, 2015.

GT 15 – Língua e identidade: estudos, práticas e reflexões sobre o ensino de Línguas Adicionais na perspectiva Decolonial.

Coordenadores: Prof. Dr. Rinaldo Vitor da Costa (UNILA); Profa. Dra. Ana Paula Domingos Baladeli (UNILA).

Aprender uma Língua Adicional implica a prática de negociação de significados e identidades. Com os movimentos migratórios e a expansão do Português Língua Adicional (PLA), o cenário científico tem ampliado o volume de estudos acerca das Epistemologias do Sul, estas que balisam ações formativas plurais, interculturais e de resistência, questionando as relações de poder, os padrões hegemônicos e excludentes de língua e cultura (ZAVALA, 2016; MIGNOLO e VÁZQUEZ, 2017; CONNELL, 2017). Nesse sentido, a Pedagogia Decolonial nos subsidia em análises e práticas transgressoras (HOOKS, 1996), corroborando no ensino de línguas intercultural, inclusivo, crítico, visto aprender uma língua adicional, indubitavelmente, impacta no processo de construção de identidades (CARILO e PERNA, 2021). Este GT acolhe estudos teóricos, relatos de práticas e reflexões críticas que contemplem a interface Língua Adicional e identidades e seus subtemas, quais sejam; (i) desenvolvimento e avaliação de materiais didáticos em diferentes modalidades, (ii) formação inicial e continuada de professores de línguas adicionais, (iii) políticas linguísticas e seus discursos e, (iv) desafios para no ensino de línguas adicionais mediado por tecnologias.

Palavras-chave: Línguas adicionais; Identidades; Decolonialidade.

Referências:

CARILO, Michele S.; PERNA, Cristina B.L. Formação de professores de Português como Língua Adicional: indo além das teorias comunicativas e em direção às Pedagógicas Críticas Interculturais. Cadernos de Linguística, v.2, n.2, p. 01-23, 2021.

CONNELL, Rawyen. Usando a Teoria do Sul: descolonizando o pensamento social na teoria, na pesquisa e na prática. Epistemologias do Sul, Foz do Iguaçu, v.1, n.1, p.87-109, 2017.

HOOKS, Bell. Teaching to transgress: education as the practice of Freedom. New York/London: Routledge, 1994.

MIGNOLO, Walter; VÁZQUEZ, Rolando. Pedagogía y (de)colonialidad. In: WALSH, C. Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo II. Quito: Abya Yala, 2017. ZAVALA, Miguel. Decolonial

methodologies in Education. In: PETERS, M. A. (ed.). Encyclopedia of Educational Philosophy and Theory. Springer, 2016, p.1-6.

GT 16 – Estudos com linguística de corpus.

Coordenadores: Prof. Dr. Eduardo Batista da Silva (UEG); Prof. Dr. Guilherme Fromm (UFU).

Levando em consideração os debates, desafios e propostas que se apresentam na Linguística na contemporaneidade, o presente GT insere-se em um momento no qual a Linguística de Corpus amplia sua presença e apresenta-se como uma linha de destaque no âmbito dos estudos linguísticos, mantendo interfaces com a descrição e ensino. Esse GT contempla, por um lado, as diferentes possibilidades de exploração do léxico nos estudos linguísticos de forma geral e, por outro, seu protagonismo em determinadas linhas teórico-metodológicas – com a pretensão de reunir estudos que tratem dos seguintes temas: 1) investigação teórica e/ou aplicada relativa ao ensino de línguas (materna e estrangeira); 2) descrição do léxico de línguas a partir de corpus; 3) prática de vocabulário em uma perspectiva quantitativa; 4) fraseologia mono, bi e multilíngue; 5) Estatística Lexical; 6) metodologia e compilação de corpus; 7) corpus de aprendizes; 8) desenvolvimento de material pedagógico; 9) softwares de processamento; 10) recursos online e 11) Estudos da Tradução. O GT pretende apresentar metodologias e ferramentas de análise, estimulando o desenvolvimento de novos trabalhos. Frente ao exposto, a fundamentação teórica que orienta o GT perpassa estudos que abordam especialmente a Linguística de Corpus (BERBER SARDINHA, 2004, 2012; BIBER, CONRAD, REPPEN, 2004; REPPEN; SIMPSON-VLACH, 2020; SINCLAIR, 2004a, 2004b) e a Lexicologia (NATION, 2013; NATION; MEARA, 2020; WEBB, 2020), podendo contemplar de forma subsidiária outras linhas. Espera-se que os participantes entendam que os estudos que possuem o léxico como objeto de pesquisa podem recorrer à uma abordagem qualitativa, quantitativa ou quantiquantitativa, em função de vários fatores, dentre eles: os objetivos, corpus, software disponíveis e orientação teórico-metodológica do trabalho.

Palavras-chave: Linguística de Corpus; Léxico; Ensino; Descrição.

Referências:

- BERBER SARDINHA, T. Linguística de Corpus. Barueri: Manole, 2004.
- BERBER SARDINHA, T. Linguística de Corpus. In: GONÇALVES, A.V.; GÓIS, M. L. S. (org.). Ciências da linguagem: o fazer científico? v.1. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 321-347.
- BIBER, D.; CONRAD, S.; REPPEN, R. Corpus Linguistics: investigating language structure and use. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- NATION, P. Learning vocabulary in another language, 2nd. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- NATION, P. MEARA, P. Vocabulary. In: SCHMITT, N.; RODGERS, M. P. H. An Introduction to Applied Linguistics, 3rd. ed. New York: Routledge, 2020. p. 35-54.
- REPPEN, R.; SIMPSON-VLACH, R. Corpus Linguistics. In: SCHMITT, N.; RODGERS, M. P. H. An Introduction to Applied Linguistics, 3rd. ed. New York: Routledge, 2020. p. 91-108.
- SINCLAIR, J. How to build a corpus. In: M. Wynne (Ed.). Developing linguistic corpora: a guide to good practice. Oxford: Oxbow Books. 2004a. p. 79-83.

SINCLAIR, J. Trust the text: language, corpus and discourse. New York: Routledge, 2004b.

WEBB, S. (ed.). The Routledge Handbook of Vocabulary Studies. New York: Routledge, 2020.

GT 17 – Poesia e modernidade.

Coordenadores: Eduardo veras (UFTM); Alice Vieira Botelho (PPG – Doutoranda UFMG).

“Deixem-se de visões, queimem-se os versos: / O mundo não avança por cantigas”, diz-nos o poeta romântico brasileiro Álvares de Azevedo, no poema “Um cadáver de poeta”, definindo, em imagem de alto poder condensador, um dos mais significativos conflitos da poesia na História da Cultura: o embate do poeta com o mundo moderno. O conflito poeta versus mundo pode ser definido nos seguintes termos: com o advento das formas de vida próprias da modernidade, a poesia perde sua função social, e o poeta perde a sua coroa: se, para as sociedades antigas, é uma espécie de profeta, no século XIX, passa a não servir para nada. Seu ofício é esquivo ao nomos da sociedade e à ordenação do mundo. Segundo M.W. Bloomfield e Charles W. Dunn, no primeiro capítulo do livro intitulado *The Role of the Poet in Ancient Societies* (1992), a “poesia no Ocidente, nos últimos dois séculos passados, foi cultuada pela sua beleza, sua sinceridade, sua doçura, sua luz, e seu poder, mas muito raramente pela sua utilidade” (p.3). De maneira ainda mais severa, diz-nos a crítica Svetlana Boym (1991, p.8), na introdução ao seu livro *Death in quotation marks*, que, a partir do século XIX, “o poeta se tornou quase uma figura anacrônica – um mártir alienado da escrita, um dândi apolítico, ou um boêmio antissocial”, uma vez que “o artista foi ameaçado pelo fotógrafo; e o poeta foi suplantado pelo político profissional, pelo escritor profissional e pelo jornalista profissional”. Num mundo onde as palavras já não carregam, com alguma imanência, o poder de criar coisas ex nihilo e o poeta já não sabe, exatamente, onde alocar-se, quais são os modos possíveis de produção do discurso poético? As respostas a essa crise foram muitas: do estetismo e do desejo de restituir à linguagem uma vida em si própria - e aqui lembremo-nos de Mallarmé e sua crença de que l'univers doit aboutir à un livre - até a reação contrária: o gesto de Rimbaud de abdicar da escrita e da palavra poética, para finalmente viver e fruir a experiência do mundo em toda a sua radicalidade. Diante da atualidade desta questão e da multiplicidade de respostas culturais possíveis ao embate do poeta com o mundo moderno, convidamos a todos que se interessam pela discussão a contribuir com o debate. Aceitaremos contribuições que toquem nos seguintes pontos:

- a) A autonomia estética da poesia a partir do século XIX;
- b) A crise da poesia e a crise da linguagem na modernidade;
- c) Autoimagem do poeta no mundo moderno;
- d) A invenção estética da modernidade;
- e) A poesia consciente de si própria: o poeta-crítico e a metapoesia.

Palavras-chave: Poesia; Modernidade; Crise

Referências:

BLOOMFIELD, M.W.; DUNN, Charles W. *The role of the poet in early societies*. D.S. Brewer: Cambridge, 1989.

BOYM, Svetlana. *Death in quotation marks: cultural myths of the modern poet*. Harvard University Press: Cambridge, Massachusetts, London, England, 1991.

COMPAGNON, Antoine. Os antimodernos: de Joseph de Maistre a Roland Barthes. Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. Col. Humanitas.

COMPAGNON, Antoine. Os cinco paradoxos da modernidade. Trad. Cleonice P. B. Mourão et alli. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

FRIEDRICH, Hugo. Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX São Paulo: Duas Cidades, 1978.

MESCCHONNIC, Henri. Modernité Modernité. Paris: Éditions Verdier/Gallimard, 1988.

PAZ, Octávio. A outra voz. São Paulo: Siciliano, 1993.

GT 18 – Ensino de português como segunda língua para surdos: desafios e possibilidades quanto à produção de materiais didáticos.

Coordenadoras: Profa. Me. Angélica Rodrigues Gonçalves (PPG – Doutoranda UFU); Profa. Me. Marina Beatriz Ferreira Vallim (IFTM).

O ensino de Português como segunda língua (PL2) para surdos tem se revelado nas pesquisas por todo o país, não só como um desafio, mas como um campo cheio de possibilidades de novas abordagens e realizações. Um desafio, do ponto de vista da complexidade da temática, considerando todo um processo de lutas sociais, educacionais e linguísticas das comunidades surdas em todo o país. Foram anos de exclusão linguística e tentativas de “normalização” com pouco sucesso, quiçá nenhum. Todavia, não podemos negar que muito avançamos ao longo do tempo e um campo de possibilidades se abre a cada momento. Reconhecimento linguístico em espaços diversos, pesquisas ampliando nosso entendimento quanto a estratégias de ensino e aprendizagem, diferentes perspectivas na busca de um objetivo comum, trazerem uma educação de surdos mais efetiva e significativa. Para tanto, não raramente, nos deparamos com a inquietação quanto ao material didático. Ainda temos muito a avançar quanto a essa questão. Há muito que se discutir sobre a produção de materiais didáticos que possam contribuir com o ensino aprendizagem de línguas para surdos, em especial, ensino aprendizagem de Português como L2. Foi essa busca que nos motivou a propor esse GT e objetivamos selecionar pesquisas e trabalhos que corroborem para essa discussão. Temos convicção de que há muitos pesquisadores com contribuições importantes para essa temática, visando a promoção e difusão de contribuições na área da linguística que alimentem as discussões quanto a produção, avaliação e sucesso das e nas produções de materiais didáticos para o ensino de português como L2 para surdos.

Palavras-chave: Português como L2 para Surdos; Material Didáticos; Ensino de Línguas; Surdos.

Referências:

ANDRADE, T. R. de. Pronomes pessoais na interlíngua de surdo/a aprendiz de português L2 (escrito). 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Brasília - DF, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/22100>. Acesso em: 4 jul. 2019.

BEHARES, L. E. Nuevas corrientes en la educación del sordo: de los enfoques clínicos a los culturales. Cadernos de Educação Especial, Santa Maria, v. 1, n. 4, p. 20-53, 1999.

- BORTANI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.
- BRASIL. Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF, 24 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 12 abr. 2017.
- BRASIL. Decreto nº. 5.626. Regulamenta a Lei nº. 10436/02 e dá outras providências. Brasília, DF, 22 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 12 abr. 2017.
- BRASIL. Lei nº. 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF, 6 jul. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 12 abr. 2017.
- BRASIL. Lei nº. 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF, 25 jun. 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm. Acesso em: 12 abr. 2017.
- BRITO, R. C. M. C. Da janelinha para o janelão: relevância da primeira web TV bilíngue português/libras –TV INES – para o acesso à informação e à criticidade dos surdos. Orientador: Profa. Dra. Jaciara de Sá Carvalho. 2018. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://portal.estacio.br/media/3733044/disserta%C3%A7%C3%A3overs%C3%A3o-final-para-a-secretaria-final-jaci_-gr%C3%A1fico-revisado_-4.pdf. Acesso em: 18 maio 2020.
- CORACINI, M. J. R. F. (org.). Identidade e discurso: (des) construindo subjetividades. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Chapecó: Editora ARGOS, 2003.
- CORDEIRO, L. B. de F.; RIBETTO, A, Ensaios de pesquisa sobre políticas públicas da educação de surdos: entre o maior e o menor da educação. In: RIBEIRO, T.; SILVA, A. G. da (org.). Leitura e escrita na educação de surdos: das políticas às práticas pedagógicas. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015. cap. 1, p. 23-36.
- COUTINHO, D. Libras e língua portuguesa (semelhanças e diferenças). Joao Pessoa: Ideia, 2015. v. 1
- FÉLIX, A. O papel da interação no processo de ensino-aprendizagem de português para alunos surdos em uma escola inclusiva. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, SP, v. 48, n. 1, p. 119-31, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tla/v48n1/09.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2019.
- GOMES, A.; OLIVEIRA, V. Práticas de leitura literária e hibridismo cultural em um contexto de jovens e GOMES, M. P. "Aí, eu olho, escrevo e aprendo": narrativas de estudantes surdos sobre aprendizagem e ensino da Língua Portuguesa (escrita) no Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos. In: RIBEIRO, T.; SILVA, A. G. da (Org.). Leitura e escrita na educação de surdos: das políticas às práticas pedagógicas. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015. v. 1, cap. 7, p. 163-90, v. 1.
- INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS (Brasil). Atas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO PARA SURDOS, 1880, Milão. Relatório das Leituras apresentadas [...]. Rio de Janeiro: INES, 2011. (Série Histórica; v. 2).

KARNOPP, L. Práticas de leitura e escrita em escolas de surdos. In: FERNANDES, E. (org.) Surdez e bilingüismo. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LACERDA, C. B. F.; LODI, A. C. B. Noções básicas de língua portuguesa como segunda língua – versão 1.1. Brasília, DF: MEC/SEESP/UFU, 2011.

MOLLICA, M. C. Fala, letramento e inclusão social. São Paulo: Contexto, 2007.

MOITA LOPES, L. P. da (org.). Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2008. 279 p.

MOURA, D. R. LIBRAS e a Leitura de Língua Portuguesa para Surdos. 1 ed. Curitiba-PR, Editora Appris, 2015.

NEVES, B. C; QUADROS, R M de. A Relação dos Surdos com a Língua Portuguesa em um Contexto Bilingue. In: RIBEIRO, Tiago; SILVA, Aline Gomes da (org.). Leitura e Escrita na Educação de Surdos: das Políticas às Práticas Pedagógicas. 1. ed. Rio de Janeiro-RJ: Wak Editora, 2015. cap. 6, p. 137-162. v. 1.

QUADROS, R. M. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997. 128p.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

RIBEIRO, V. P., Ensino Da Língua Portuguesa Para Surdos: Percepções De Professores Sobre Adaptação Curricular Em Escolas Inclusivas. 1 ed., Editora Prisma, 2013.

RIBEIRO, T.; SANTOS, E. S. M. dos; FURTADO, L. A. R. Reflexões Sobre Leitura e Escrita na Educação Bilingue de Surdos. In: RIBEIRO, Tiago; SILVA, Aline Gomes da (Org.). Leitura e Escrita na Educação de Surdos: das Políticas às Práticas Pedagógicas. 1. ed. Rio de Janeiro-RJ: Wak Editora, 2015. cap. 4, p. 83- 110. v. 1.

SALLES, H. M. M. L. et. al. Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica. Brasília: MEC, SEESP, 2004. 2 v.

SAVIANI, D. História das idéias pedagógicas no Brasil. 3. ed Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

SILVA, M. P. M. A Construção de Sentidos na Escrita do Aluno Surdo. 3. edição, São Paulo: Editora Plexus, 2001.

SILVA, A. G. da. Oficina de Leitura: uma proposta bilingue para a formação de leitores surdos. In: 09/03/2022 14:41 Proposta de GT para o VIII SELL 2022 https://docs.google.com/forms/d/1cyzOUING9IFpSgZfOxnFj7_qBUm0eiD4xM1KcBeqRrw/edit#responses 6/16

RIBEIRO, Tiago; SILVA, Aline Gomes da (Org.). Leitura e Escrita na Educação de Surdos: das Políticas às Práticas Pedagógicas. 1. ed. Rio de Janeiro-RJ: Wak Editora, 2015. v. 1, cap. 2, p. 37-56.

SKLIAR, C. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, K. História da educação de surdos. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

UNESCO. Declaração de Salamanca e enquadramento da ação na área das necessidades educativas especiais. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1994.

WRIGLEY, Oliver. Política da surdez. Washington: Gallaudet University Press, 1996.

GT 19 – A educação remota no contexto da pandemia da COVID-19: gêneros, discursos, identidades e letramentos.

Coordenadoras: Profa. Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni (UFU – FAPEMIG/CNPq); Profa. Dra. Flávia Motta de Paula Galvão (UFG).

Este grupo temático focaliza, no campo da Análise de Discurso Crítica e no campo mais amplo da Linguística Aplicada, a temática da pandemia da COVID-19 - doença provocada pelo coronavírus SARSCov2 – em intersecção com a educação remota no Brasil, implementada nos diferentes níveis de ensino e nas diferentes redes, em decorrência dessa pandemia. Em consonância com pressupostos da Análise de Discurso Crítica, compreendemos que os modos como essa educação remota foi implantada e efetivada no contexto da pandemia da COVID-19 constituem um problema social com faceta discursiva (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003, 2012), que gerou e tem gerado impacto nos modos de ensinar e de aprender, nas práticas de letramento, na relação de docentes, de discentes e de seus familiares com o ensino e com a aprendizagem, nas relações afetivas, nas identidades e na vida em geral desses atores sociais. Compreendemos ainda que os modos como se representa e se identifica essa educação remota, os atores sociais nela envolvidos e seus efeitos na sociedade têm influência sobre os modos como essa mesma sociedade compreende o problema e reage a ele, representa e identifica professores, alunos, família, instituições e a educação. Assim, acreditamos que é de fundamental importância acompanhar como se dão os registros discursivos de um momento histórico ímpar, analisá-los e compartilhar os resultados disso, com o propósito de se jogar luz às relações entre a educação remota e o seu tratamento discursivo e de questões a ela inter-relacionadas em contextos de extrema instabilidade e vulnerabilidade como o da COVID-19. Desse modo, neste grupo intentamos reunir pesquisadores que têm se dedicado a investigações, no âmbito da Linguística Aplicada, centradas no cruzamento da temática da Covid-19 com a educação remota.

Palavras-chave: educação remota; pandemia; gêneros; discursos; identidades; letramentos.

Referências:

- BARBERIA, L. G.; CANTARELLI, L. G. R.; SCHMALZ, P. H. de S. Uma avaliação dos programas de educação pública remota dos estados e capitais brasileiros durante a pandemia do COVID-19. Rede de Pesquisa Solidária em Políticas Públicas e Sociedade. 2020. Disponível em: <https://redepesquisasolidaria.org/wpcontent/uploads/2021/01/remote-learning-in-the-covid-19-pandemic-v-1-0-portuguese-copy.pdf>.
- BERNSTEIN, B. A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle. Trad. T. T. Silva e L. F. G. Pereira. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. Discourse in late modernity. Edinburgh: University Press, 1999.
- CONSORO, Y. T. H.; OTTONI, M. A. R. Educação remota em tempos de pandemia na República Dominicana: marcas de avaliatividade, 2020. Trabalho apresentado no 8º Seminário Nacional e 2º Seminário Internacional de Língua e Literatura - Conversas Remotas. 2020. Não publicado.
- FAIRCLOUGH, N. Language and power. Londres: Longman, 1989.
- FAIRCLOUGH, N. Discourse and social change. Cambridge: Polite Press, 1992.
- FAIRCLOUGH, N. Analysing discourse: textual analysis for social research. Londres e Nova York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis: the critical study of language*. 2ed. New York: Longman, 2010.

FAIRCLOUGH, N. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. Trad. Iran F. de Melo. *Linha d'Água*, n. 25 (2), p. 307-329, 2012. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/47728/51460>

FERNANDES, M. J. da S.; OTTONI, M. A. R. O ensino remoto implementado em Minas Gerais: avaliações construídas por diferentes atores sociais, 2020a. Trabalho apresentado no XIV Seminário de Pesquisas da Pós-Graduação em Linguística – Linguística a um clique: ciência da linguagem e divulgação científica, São Carlos-SP, evento virtual, 2020a. Não publicado.

FERNANDES, M. J. da S.; OTTONI, M. A. R. As avaliações do ensino remoto implementado em Minas Gerais construídas por diferentes atores sociais em uma reportagem. In: GUIARDI, C. M. A. de A.; CHAGAS, L. A.; PEREIRA, A. B. (org.). *Os discursos de um Brasil efervescente em tempos de pandemia: 2020*. Londrina: Syntagma Editores, 2020b. p.102-129. Disponível em:

<http://www.syntagmaeditores.com.br/Livraria/Book?id=2086>

GUIARDI, C. M. A. A.; OTTONI, M. A. R. O escancarar da desigualdade social em tempos de pandemia: uma análise discursiva crítica de abordagem sociocognitiva. Trabalho apresentado no III Colóquio Nacional da Linha de Pesquisa Culturas e Linguagens. Cametá, PA, evento virtual, 2020a. Não publicado.

GUIARDI, C. M. A. A.; OTTONI, M. A. R. Pelas memórias e afetos: uma análise discursiva crítica de textos tributos do Memorial Inumeráveis, 2020b. Trabalho apresentado no II Simpósio sobre Análise de Discurso Crítica da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, evento virtual, 2020a. Não publicado.

GUIARDI, C. M. A. de A.; OTTONI, M. A. R. As efervescências de uma pandemia e os impactos na vida dos negros e dos pobres: uma análise discursiva crítica de abordagem sociocognitiva. In: PEREIRA, A. B.; CHAGAS, L. A.; GUIARDI, C. M. A. de A. (org.). *Pesquisas efervescentes em linguagem e sociedade: retratos de um Brasil pandêmico*. Londrina: Syntagma Editores, 2020c. p.23-44 . ISBN: 978-65-88724-05-7.

<http://www.syntagmaeditores.com.br/Livraria/Book?id=2089>

GUIARDI, C. M. A. de A.; OTTONI, M. A. R. Representação discursiva da desigualdade social: limitações da educação remota em tempos de pandemia. In: PEREIRA, A. B.; CAMPOS, J. (org.). *Discursos, culturas e memória na América Latina: entre análises e práticas na contemporaneidade*. Catu: Bordó-Grená, 2020d. p. 45-55. Disponível em: https://5fd55af0-05d2-4627-9691-0c7f536817eb.filesusr.com/ugd/d0c995_27c7bc182c884babb45810f8ecf9b59c.pdf. Acesso em: 23 set. 2020. ISBN: 978-65-87035-11-6 (e-book)

GUIARDI, C. M.A. de A.; OTTONI, M. A. R. Avaliações materializadas em uma reportagem acerca do ingresso no ensino superior por meio de cotas sociais e raciais. In: CHICAVA, A. K. A.; SCHÜTZ, J. A. (Org.). *Educação e pesquisa: dialogando com a pluralidade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020e. p. 341-366. Disponível em:

<https://ebookspedroejoaoeditores.wordpress.com/2020/02/05/educacao-epesquisa-dialogando-com-a-pluralidade/>

GT 20 – Ensino de línguas e materiais didáticos: aportes teóricos e práticos.

Coordenadoras: Profa. Dra. Máira Sueco Maegava Córdula (UFU); Profa. Dra. Maria Eunice Barbosa Vidal (UFTM)

Este GT se propõe a refletir sobre o desenvolvimento e a análise de materiais didáticos, em diferentes formatos para o ensino de línguas estrangeiras, língua portuguesa, LIBRAS, dentre outras. O objetivo é promover um espaço para discussão da seleção, adaptação e uso de conceitos advindos das abordagens teóricas que suportam o ensino de línguas nos materiais didáticos. São bem-vindos trabalhos que estudam tanto o livro didático, quanto outros materiais – a exemplo de jornais, revistas etc – que fazem parte do contexto do ensino de línguas. Inclui-se, ainda, o uso de novas tecnologias no ensino de línguas, como: aplicativos, redes sociais, plataformas interativas e ambientes virtuais de aprendizagem.

Palavras-chave: Linguística; ensino de línguas; materiais didáticos.

Referências:

- ABREU, A. S. Lições de letramento. São Paulo: Giostri, 2021.
- ABREU, A. S. CRISCUOLO, A. C. S. (Org.) Ensino de Português e Linguística. São Paulo: Contexto, 2016.
- BRAGA, D. B. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. São Paulo: Cortez, 2010.
- LEFFA, V. J. Produção de materiais de ensino: teoria e prática. 2ª. ed. Pelotas: Educat, 2009.
- TOMLINSON, B. (Org.). Materials development in language teaching. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. Ensino de gramática: descrição e uso. São Paulo; Contexto, 2010.

GT 21 – Vivências colaborativas, horizontalizadas e críticas entre universidade e escola para a formação de professoras(es) de línguas.

Coordenadoras: Profa. Dra. Mariana Mastrella-de-Andrade (UnB); Profa. Me. Iara Teixeira de Araújo (Secretaria de Educação do DF)

Conforme discutem Mateus (2009), Borelli (2018) e Mastrella-de-Andrade (2020), as separações entre teoria e prática reforçam dicotomias e hierarquias na relação entre universidade e escola, a primeira supostamente entendida como o lugar da construção do conhecimento e a segunda como o espaço da aplicação da prática. Dessa forma, a escola se distancia dos processos formativos e, como consequência, constrói-se uma formação de professoras(es) de línguas excludente, privatista, capitalista, colonial, pouco voltada para a educação pública e a promoção da equidade (MASTRELLADE-ANDRADE; PESSOA, 2019). De igual modo, cursos de formação continuada de professoras(es) de inglês recorrentemente reproduzem lógicas da colonialidade, através de escolhas curriculares e metodológicas que hierarquizam saberes, culturas e identidades (PESSOA; SILVESTRE; BORELLI, 2019). Diante desse cenário, baseamo-nos em Freire (1987) para recusar a separação entre teoria e

prática e assumir nossos fazeres docentes como práxis que nos mobilizam em ação e reflexão constantes; recusamos uma educação bancária; entendemos educação como processo, não produto, que mobiliza identidades e ações de aprender ensinar por todas as pessoas engajadas; primamos por relações horizontalizadas e dialógicas, com espaços de fala (SILVESTRE, 2016) e ecologização de saberes (SANTOS, 2007). Para compor este Grupo de Trabalho, portanto, convidamos trabalhos e pesquisas com foco na relação entre universidade e escola para a formação crítico-decolonial de professoras(es) de línguas, que tenham como objetivo a promoção de ações colaborativas e a horizontalização de vivências com escolas na formação de professoras(es) de línguas, bem como a ecologização de diferentes saberes dos sujeitos desses espaços.

Palavras-chave: Formação docente crítico-decolonial; universidade e escola na formação de professoras(es) de línguas.

Referências:

BORELLI, J. D. V. P. O estágio e o desafio decolonial: (des)construindo sentidos sobre a formação de professores/as de inglês. 2018. 223 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

MASTRELLA-DE-ANDRADE, M. R.; PESSOA, R. R. A Critical, Decolonial Glance at Language Teacher Education in Brazil: On Being Prepared to Teach. D.E.L.T.A., São Paulo, [S.l.], v. 35, n. 3, maio 2019. Doi: <https://doi.org/10.1590/1678-460x2019350306>. Disponível em: Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/44219> . Acesso em: 11 ago. 2019.

MATEUS, E. Torres de Babel e Línguas de Fogo: Um pouco sobre a pesquisa na formação de professores de inglês. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 9, n. 1, p. 307-328, 2009.

PESSOA, Rosane R. Formação de professores/as em tempos críticos: reflexões sobre colonialidades e busca por um pensar decolonial In: MAGNO-E-SILVA, Walkyria; SILVA, Wagner R.; CAMPOS, Diego M. (Org.). Desafios da formação de professores na Linguística Aplicada. 1 ed. Campinas, SP: Pontes, 2019. p. 173-186.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, v. 79, p. 71-94, 2007.

GT 22 – Tecnologias digitais, discurso e formação de professor.

Coordenadores: Prof. Dr. Sandro Luis da Silva (Unifesp); Prof. Dr. Acir Mário Karwoski (UFTM).

A inserção de tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem precisa, sempre, refletida, na formação - inicial e continuada - de professores, uma vez que elas fazem parte da vida cotidiana das pessoas em suas diferentes interações e precisam ser levadas para a escola básica, também. Nos últimos dois anos, temos vivenciado a inserção das tecnologias digitais nas práticas pedagógicas, sobretudo em virtude da pandemia coronavirus e, dentro desse contexto, foi perceptível que os sujeitos que participaram da prática pedagógica nem sempre estavam preparados para o uso eficaz dos recursos que elas oferecem para o desenvolvimento de atividades em aula de aula, seja para a leitura, seja para a produção de texto. Mesmo contando com laboratórios de informática, recursos multimídias ou equipamentos com altas tecnologias, os

resultados no processo educacional não têm sido satisfatórios, sobretudo no que diz respeito à leitura e à escrita de textos em vários gêneros de discurso. É preciso considerar os aspectos multimodais que constituem os textos que circulam socialmente, sejam impressos, sejam virtuais. Cabe à escola superior o desenvolvimento da competência leitora e da competência escritora dos sujeitos, futuros professores da educação básica, valendo-se, inclusive, dos recursos midiático-tecnológicos, a fim de que se vislumbrem diferentes possibilidades de interagir com o outro e esse futuro profissional possa atuar competentemente no dia a dia da sala de aula, aproximando-a, na medida do possível, à realidade em que estão inseridos os alunos. Para que seja atingido esse objetivo, faz-se necessário um trabalho efetivo com os diferentes gêneros de textos e, conseqüentemente, com os discursos que eles trazem em seu bojo. É preciso ultrapassar os limites do código linguístico e considerar as diferentes modalidades de linguagem como produtoras de sentido de discurso(s). Partindo dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso, sobretudo os estudos de Maingueneau (2011; 2016); os estudos de Análise do Discurso Digital (Paveau, 2021) e sobre os voltados para as novas tecnologias digitais tais como Coscarelli (2012; 2015), Ribeiro (2014; 2015), além das questões relacionadas à multimodalidade (Dionísio, 2014; Kress, 1998) e Kensky (2014, 2016) e formação docente (Cadilhe, Garcia-Reis e Magalhães, 2018) este simpósio acolherá trabalhos com enfoques teóricos, dados empíricos, discussão filosófica ou enfoque crítico e que apontem reflexões sobre a interface tecnologias digitais, discurso e formação - inicial e continuada - de professores, pelo viés da Análise do Discurso.

Palavras-chave: Tecnologias Digitais; Discurso; Formação de Professor.

Referências:

- CADILHE, A. J.; GARCIA-REIS, A. R.; MAGALHÃES, T. G. (Org.) Formação docente: linguagens, práticas e perspectivas. Campinas: Pontes, 2018.
- COSCARELLI, C. V. (org.). Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- COSCARELLI, C. V. (org.). Tecnologias para aprender. São Paulo: Parábola, 2013.
- FREITAS, M. T.A.(org.) Cibercultura e formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- KENSKI, V. M. Tecnologias e ensino presencial e a distância. Campinas: Papirus, 2015.
- KENSKI, V. M. Educação e tecnologias - o novo ritmo da informação. Campinas: Papirus, 2014.
- KENSKI, V. M. Tecnologias e tempo docente. Campinas: Papirus, 2014.
- MAINGUENEAU, D. Textos de análise de comunicação. São Paulo: Cortez 2011.
- MAINGUENEAU, D. Discurso e Análise de discurso. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.
- PAVEAU, M.-A. Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes, 2021.
- RIBEIRO, A. E. Multimodalidade, textos e tecnologia - provocações para a sala de aula. São Paulo: Parábola, 2021.
- RIBEIRO, A. E. Textos multimodais - leitura e produção. São Paulo: Parábola, 2018.

GT 23 – Os multiletramentos, as multissemoses e a multimodalidade na formação de professores de línguas.

Coordenadoras: Profa. Dra. Anair Valênia (UFCAT); Profa. Dra. Fabíola Sartin (UFCAT).

Os multiletramentos, as multissemoses e a multimodalidade, que acabam por promover deslocamentos na formação de professores de língua materna e línguas estrangeiras na contemporaneidade, têm exigido práticas outras em sala de aula que percebam os processos de ensino e aprendizagem como interativos e participativos. As NTICs trouxeram para o contexto escolar a possibilidade de potencializar a circulação e o uso de textos multimodais e multissemióticos, bem como ações para produzir e modificar esses textos, combinando-os com imagens estáticas e em movimento, com áudios, cores, links, ruídos, gráficos, dentre outros. Todos esses aspectos acabam por exigir dos protagonistas do cotidiano escolar multiletramentos (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020; ROJO, 2012), dentre eles o desenvolvimento de práticas de ensino de leitura e escrita em conformidade com as modalidades e as semioses (SANTOS; PIMENTA; GUALBERTO, 2018; KERSCH, COSCARELLI; CANI, 2016; PAINTER; MARTIN; UNSWORTH, 2013; KRESS; VAN LEEUWEN, 2010; KRESS, 2000; VIEIRA; ROCHA; MAROUN; FERRAZ, 2007; VAN LEEUWEN, 2005) neles presentes. Nesse contexto, o professor de língua portuguesa e línguas estrangeiras se veem diante de novos desafios (SOARES, 2002; ROJO, 2012) – o que certamente vem se sobrepondo às suas angústias metodológicas. Foi pensando nas dificuldades enfrentadas pelos docentes contemporâneos que propomos reflexões acerca de questões, tais como: Em que medida e de que maneiras os textos multimodais e multissemióticos afetam (ou não) o ensino e a aprendizagem de línguas? Como os estudos sobre os multiletramentos modificaram o cotidiano de ensino e aprendizagem nas escolas de educação básica e nas universidades? De que forma as NTICs potencializam (ou não) o ensino e aprendizagem de línguas nesse contexto? É pertinente refletir sobre o fato de que estar conectado não necessariamente significa estar em processo de aprendizagem, o que nos leva à discussão sobre possíveis distinções (ou não) em relação à aprendizagem ubíqua (SANTAELLA, 2013). Dessa forma, o presente GT tem por objetivo reunir pesquisas e investigações, em quaisquer enquadres teóricos, sob o viés da formação de professores e ensino de línguas na contemporaneidade, que se valem dos recursos das multissemoses, da multimodalidade e dos multiletramentos e que discutem essas questões no cotidiano de sala de aula, tanto em contextos presenciais quanto digitais.

Palavras-chave: Multiletramentos; Multissemoses; Multimodalidade; Formação de Professores.

Referências:

- GUALBERTO, Clarice Lage; PIMENTA, Sônia Maria de Oliveira; SANTOS, Zaira Bomfante dos. (Org.) Multimodalidade e ensino: múltiplas perspectivas. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018.
- KALANTZIS, M.; COPE, B.; PINHEIRO, P. Letramentos. Campinas: Unicamp, 2020.
- KERSCH, Dorotea Frank. COSCARELLI, Carla Viana. CANI, Josiane Brunetti (Orgs.). Multiletramentos e multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016, p. 15-48.
- KRESS, Gunther. Multimodality. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. (Ed.). Multiliteracies: literary learning and the design of social futures. London: Routledge, 2000. p. 182-202.

- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. Multimodal discourse: The modes and media of contemporary communication. London: Arnold, 2001.
- PAINTER, C.; MARTIN, J.R.; UNSWORTH, L. Reading Visual Narratives: Image Analysis of Children's Picture Books. Equinox, London. 2013.
- ROJO, R.; MOURA, Eduardo. Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola, 2012.
- SANTAELLA, Lucia. Desafios da ubiquidade para a educação. Revista Ensino Superior. ed. 04 abr. 2013. São Paulo: Unicamp, 2013. Disponível em: http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09_abril_2013/NMES_1.pdf. Acesso em 25 set. 2014.
- SOARES, 2002. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. Revista Educação e Sociedade. Campinas, vol 23, n. 81, p. 143- 160, dez. 2002. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.
- VAN LEEUWEN, T. Towards a semiotics of typography. Information Design Journal 14:2, 2006.
- VIEIRA, Josenia Antunes; ROCHA, Harrison da; BOU MAROUN, Cristiane R. G.; FERRAZ, Janaína de Aquino. Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 9 - 32.

GT 24 – Ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras e adicionais na contemporaneidade.

Coordenadoras: Profa. Dra. Ana Amélia Calazans da Rosa (UFTM); Profa. Dra. Elizandra Zeulli (UFTM).

O presente Grupo de Trabalho tem como objetivo dar voz e espaço a apresentações de trabalhos nos âmbitos de ensino, pesquisa e extensão que dizem respeito à área de educação linguística, formação de professores (ROSA; NOGUEIRA, 2021) e ensino de línguas estrangeiras e adicionais. As professoras coordenadoras têm interesse em acolher especialmente pesquisas, estudos e relatos que visem uma construção coletiva de saberes, práticas e teorias que dialoguem com a área da Linguística Aplicada indisciplinar (MOITA LOPES, 2006; 2013; FABRÍCIO, 2006), transgressiva (TANZI NETO, 2021) e preocupada com um ensino crítico, responsivo, dialógico e com a transformação social dos espaços educacionais, além de reconhecerem a formação docente como ato político.

Palavras-chave: línguas adicionais; línguas estrangeiras; educação linguística; formação de professores.

Referências:

- BEATO-CANATO, A. P. M.; JORDÃO, C. M. Escolas e partidos: ideologias, letramentos e decolonialidade. In: TANZI-NETO, A. (Org.) Linguística Aplicada de Resistência: transgressões, discursos e política. Campinas/SP: Pontes, 2021.
- FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola, 2006.
- KLEIMAN, A. Agenda de pesquisa e ação em Linguística Aplicada: problematizações. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) Linguística Aplicada na Modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani. São Paulo: Parábola, 2013.
- LOPES, A. C.; SILVA, D. N. Todos nós semos de fronteira: ideologias linguísticas e a construção de uma pedagogia translíngue. Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, SC, v. 18, n. 3, p. 695-713, set/dez 2018.

ROSA, A. A. C.; NOGUEIRA, A. S. Formação de professores: implicações de políticas públicas na sensibilização para uma educação linguística ampliada e contemporânea. In: TANZI-NETO, A. (Org.) Linguística Aplicada de Resistência: transgressões, discursos e política. Campinas/SP: Pontes, 2021.

GT 25 – Escrever a história a contrapelo: figur-ações da memória e a (im)possível representação do trauma

Coordenadores: Prof. Dr. Wellington Furtado Ramos (UFMS); Profa. Dra. Rosana Cristina Zanelatto Santos (UFMS/PQ-CNPq); Prof. Dr. Andre Rezende Benatti (UEMS).

O trabalho de (re)escrita da história a contrapelo (BENJAMIN, 1986) tenta se desvencilhar da reprodução da racionalidade iluminista, herdada pela modernidade, que enxergava na razão e na técnica o vetor unidirecional do progresso. Essa escovação/escavação prescinde do totalitarismo da ideia de origem e assume em si o rastro da História do ocidente, marcada pela violência. Esse gesto (des)revelador implica na (re)escrita da história como escovação/escavação das ruínas do passado, do fragmento, dos cacos daquele projeto de progresso de uma modernidade que não se concretizou, mas que ressoa fastasmagoricamente, tendo se convertido em mercadoria e em fetiche (MARX, 2006). Nesse sentido, as figur-ações da memória se materializam como anamnese ativa que desenterra aquilo que “o tempo-de-aqui-agora insiste em não mostrar: seu rosto saturnino, melancólico” (RIBEIRO, 2020). Tais imagens figuram como dialéticas, por se converterem simultaneamente em sonho e em desejo que podem não ceder ao apelo fetiche do consumo, mas à “quimérica revolução surrealista de um artista que explora seu desejo de politização da estética” (RIBEIRO, 2020). Assim, o trabalho do analista de literatura se assemelha a um trabalho arqueológico, no sentido do encontro com seu próprio imaginário, e que, diante do resto que é rastro da História, imagina a figura, a paisagem, o ser e seu comportamento cujos sinais precários se configuram como elementos de uma narrativa que não emana “a verdade”, porque ela já não mais existe, mas “uma verdade possível”, aquela cujo vestígio se força à representação, como o trauma da História/história que se faz (re)apresentar (i)logicamente no sonho e não somente nele (DIDI-HUBERMAN, 2017). Disse Candido (1995), benjaminianamente, que a literatura é o sonho acordado das civilizações, sonho este que força à representação o conteúdo recalcado da História/história que, ao mesmo tempo, se quer e não se quer contar. Na intersecção entre Walter Benjamin e Sigmund Freud, lidos por Helano Ribeiro, neste Simpósio, entendemos o analista de literatura como o “o arqueólogo do instante, “aquele [que opera] um jogo de escavação do passado, [estando] entre a memória, [o esquecimento], a linguagem e o sonho, tentando desestabilizar o presente enquanto totalidade e verdade. A linguagem surge, nessa lógica, menos como via de acesso do que como espaço de jogo [*Spielraum*]. Além disso, se é possível apontar para o presente enquanto falência de si mesmo, é porque essa agoridade cheia de história/[História] está contaminada pelo passado. Esse mesmo presente vem des-figurado [*ent-stellt*] por uma profusão de imagens dialéticas, que são, portanto, pervivências [*Nachleben*] do passado, repletas de espacialidade [1]temporalidade” (RIBEIRO, 2020). Serão acolhidos neste Simpósio, portanto, trabalhos que compartilhem da visada benjaminiana da história/História como um esforço de escavação/escovação a contrapelo das narrativas estabilizadas pelos discursos hegemônicos, não de modo fortuito ou que se limite a “apontar para” a direção do trauma, mas que o confronte como

ruína do passado que se atualiza fantasmagoricamente em um presente sombrio. Assim também, acolher-se-ão trabalhos que, seja na intersecção com a visada benjaminiana ou não, tragam à tona a proposição psicanalítica freudiana da fantasia, no sentido da interpretação dos sonhos, para a análise literária, sem tomar o texto artístico como objeto de patologização da personagem ou do autor, mas como ele mesmo [texto artístico] pode se configurar como sint(h)oma ou sonho cujo inconsciente [o do texto] inevitavelmente toca o do analista, promovendo no ato interpretatório a leitura em seu sentido expandido. Privilegiar-se-ão os trabalhos que se debrucem sobre a análise literária, ou seja, que tenham em seu horizonte de preocupações a “conversão de elementos extrínsecos em intrínsecos” (CANDIDO, 1965), a fim de mobilizar a máquina dialética das imagens e dos sentidos plurais que a literatura pode (pro)mover. Também preferencialmente, mas não exclusivamente, serão acolhidos trabalhos que se alinhem ao esforço de “contar a história a contrapelo” a partir de textos literários e artísticos que deem voz aos sujeitos historicamente periféricos, marginalizados, escravizados, em suma, traumatizados pela lógica do progresso, do capitalismo, do lucro, do desenvolvimento. Os trabalhos devem ser pensados nesse processo de escavação de uma arqueologia-porvir da história literária e precipuamente devem se debruçar sobre as literaturas contemporâneas produzidas na América Latina, preferencialmente, mas não exclusivamente, em língua portuguesa ou em língua espanhola.

Palavras-chave: Literatura contemporânea; memória; trauma.

Referências:

- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Obras Escolhidas, v. 1).
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 1ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura. Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas*. São Paulo: Editora 34, 2017.
- RIBEIRO, H. J. (2020). A memória des-figurada de Walter Benjamin. *Signótica*, 32. <https://doi.org/10.5216/sig.v32.58574>

GT 26 – Reflexões acerca de ensino aos estudantes surdos nas instituições públicas.

Coordenadores: Prof. Dr. Hely Cesar Ferreira (UFTM); Profa. Me. Geyse Araujo Ferreira (UFTM).

Este Grupo de Trabalho - GT tem como principal objetivo colocar em discussão dos trabalhos cujas temáticas enfoquem o ensino para estudantes surdos nas instituições públicas de ensino. Visto que depois de muita luta pelos movimentos da comunidade surda, a Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que reconhece a Libras como língua da pessoa surda e a segunda língua reconhecida no Brasil, e o Decreto nº 5.626/2005 são conquistas que asseguram o ensino de Libras. O ensino de Libras como primeira língua é extremamente importante devido ao desenvolvimento linguístico, cognitivo, social dos estudantes surdos. Um dos trabalhos divulgado pelas pesquisadoras Lima-Salles e Naves (2010, p. 27) tem abordado que “para a aquisição de língua é fundamental que o input linguístico seja acessível à criança”. Sabemos que a maioria das famílias de

pessoas surdas são ouvintes e desconhecem Libras e a importância de colocar seus filhos em escolas específicas para adquirir língua portuguesa como L2, ou seja, segunda língua, deixando-os com maiores dificuldades de aprendizagem na fase de construção de conhecimento. Para, além disso, os conteúdos curriculares da educação básica devem ser adaptados a esses alunos no espaço escolar. Nesse sentido, é fundamental o desenvolvimento de reflexões sobre o significado da aprendizagem de línguas, da qualidade dos materiais didáticos de línguas e de conteúdos curriculares e da formação de professores (continua).

Palavras-chave: Ensino; Estudantes Surdos; Línguas; Formação dos professores.

Referências:

- LIMA-SALLES, H. M. M. L. e NAVES, R. R. (org) Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição do português (L2) por surdos. Goiânia: Câne Editorial, 2010
- QUADROS, H Ronice Muller de. Desenvolvimento lingüístico e educação de surdos. Santa Maria: UFSM - MEC, 2006.
- _____, Ronice Muller de. Educação de Surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- _____, Ronice Muller de. SCHIMIEDT, Magali L. P. Idéias para ensinar português para alunos surdos. Brasília: MEC, SEESP, 2006.
- _____. “Aquisição de L1 e L2: o contexto da pessoa surda”. Paper apresentado no Seminário Desafios e possibilidades na Educação bilíngüe para Surdos, Santa Catarina: UFSC. Anais. Santa Catarina, 1997b p.70-87. Disponível em: <<http://www.ronice.ced.ufsc.br/publicacoes/contexto.pdf>> Acesso em: julho de 2021.
- _____. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.